GT: Educação Estética, Currículo e Ensino.

"E SE MINHA LOUCURA FOSSE ARTE?": UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA COM COLAGEM NA PERSPECTIVA DA ABORDAGEM TRIANGULAR

Natália Lima da Silva[1]
Jackeline Susann Souza da Silva[2]

RESUMO: O presente trabalho apresenta a experiência da oficina "E se minha loucura fosse arte?: oficina de colagem e criação de personagem", desenvolvida durante a XXX Semana Universitária da UECE, no campus da FAFIDAM. A proposta teve como objetivo refletir sobre a relação entre arte, loucura e educação a partir da colagem como linguagem artística e pedagógica, fundamentada na Abordagem Triangular de Barbosa. A oficina, voltada a estudantes universitários, articulou momentos de contextualização teórica, experimentação criativa e apreciação coletiva, promovendo um espaço de escuta, sensibilidade e reflexão sobre o papel da arte na formação docente. Os resultados evidenciaram que a colagem, por seu caráter acessível, expressivo e interdisciplinar, possibilita ao educador desenvolver práticas que valorizam a subjetividade, a criatividade e o pensamento crítico, reafirmando a arte como instrumento de autoconhecimento e transformação.
PALAVRAS-CHAVE: Loucura. Arte. Colagem. Abordagem Triangular.

INTRODUÇÃO

A arte e a loucura caminham lado a lado, unidas não apenas por suas afinidades simbólicas, mas também por seus vocábulos tão recorrentes quanto mal compreendidos. Williams (2007, p. 60-62), ao discutir o termo arte, remete a um amplo percurso histórico que desemboca na própria condição de ser artista. De modo semelhante, Foucault (1978), ao refletir sobre a loucura, percorre os tempos e encontra no louco o espelho de cada época. Assim, arte e loucura mostram-se indissociáveis do sujeito humano e da história que o constitui.

Nessa perspectiva, a idealização da oficina "E se minha loucura fosse arte?: oficina de colagem e criação de personagens" emergiu da vivência como educadora social e também foi

[1]Universidade Estadual do Ceará, bolsista de Iniciação Científica CNPq , e-mail: natalial.silva@aluno.uece.br
[2] Universidade Estadual do Ceará, professora adjunta da UECE , e-mail: jackeline.susann@uece.br

ancorada por minhas próprias "loucuras", enquanto artista e pessoa neurodivergente. A proposta surgiu do desejo de ressignificar o que antes era visto como excesso ou desajuste, transformando-o em potência estética e educativa.

A colagem foi escolhida como linguagem central por seu caráter híbrido e disruptivo. Ela convida a pensar criticamente as imagens que nos cercam, mas também a reencontrar os espaços, texturas e nuances sensíveis que o olhar cotidiano costuma negligenciar. Além disso, por ser uma técnica acessível tanto em termos de materiais quanto de habilidades, a colagem amplia as possibilidades criativas dos participantes (RODRIGUES, 2024).

Realizada durante a XXX Semana Universitária da UECE, no campus da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), com estudantes universitários, a oficina buscou mais do que ensinar uma técnica: propôs instaurar um espaço de escuta e experimentação. Inspirada nos princípios da Abordagem Triangular (2019), a experiência articulou contextualização, produção e apreciação, promovendo o encontro entre teoria e prática.

O processo de construção da oficina revelou-se desafiador. Embora eu já atuasse como artista, nunca havia experienciado a arte sob uma perspectiva acadêmica. Por se tratar de um evento universitário, busquei conciliar a sensibilidade da criação com o embasamento teórico, explorando estudos sobre o fazer artístico e sua historicidade. Nesse percurso, encontrei o trabalho de Ana Mae Barbosa e sua Abordagem Triangular (2019), que serviu como elo entre minha prática e a reflexão teórica, orientando todo o planejamento.

O contato com as teorias da arte-educação transformou meu olhar sobre a proposta, sobretudo por se tratar de um público composto por futuros professores. Essa compreensão despertou o desejo de ampliar a experiência, incluindo um momento de reflexão sobre o uso pedagógico da colagem e da arte. Entender a arte enquanto conhecimento e prática educativa é essencial para que os futuros educadores reconheçam seu potencial formador, sensível e crítico no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A oficina, seguindo a proposta do evento, foi organizada em três encontros complementares. No primeiro dia, trabalhou-se a base teórica, abordando aspectos históricos e conceituais da loucura, da arte e da colagem. No segundo momento, exploraram-se as técnicas e os tipos de colagem,

destacando seu caráter expressivo, experimental e acessível. Também foram apresentadas referências visuais sobre composição, cor e forma para apoiar a criação das imagens.

Por fim, realizou-se a socialização das obras, em um espaço de apreciação e diálogo, no qual os participantes puderam refletir sobre o processo criativo e sobre o que aprenderam. A partir dessa vivência, discutiram-se as possibilidades pedagógicas da arte e da colagem, reconhecendo-as como linguagens capazes de estimular a sensibilidade, a reflexão crítica e a autonomia criadora. Afinal, como apontado por Barbosa (2019, p. 5):

> Não é possível uma educação intelectual, formal ou informal, de elite ou popular, sem arte, porque é impossível o desenvolvimento integral da inteligência sem o desenvolvimento do pensamento divergente, do pensamento visual e do conhecimento presentacional que caracterizam a arte.

Ao final da oficina, foi disponibilizado um questionário online para que os participantes a avaliassem. As respostas revelaram que a atividade foi recebida com curiosidade, abertura e emoção. Muitos relataram ter sido convidados a revisitar memórias, especialmente da infância, e a perceber a arte como um espaço de autodescoberta: “Me fez repensar bastante, principalmente a infância” (Paula[1]); “Achei um tema muito interessante, porém não sabia que se autodescrever e entender nossa loucura fosse tão difícil” (Daniela[1]). Outros ressaltaram o desejo de aprender e transformar ideias em imagens: “Eu esperava aprender técnicas de colagem e desenvolver minha criatividade de forma prática e divertida” (Joana[1]).

Um dos primeiros momentos de reflexão da oficina foi a construção coletiva do conceito de loucura. Cada participante foi convidado a escrever o que entendia por “loucura”, e das dezesseis respostas reunidas, quatorze continham pelo menos um verbo, indicando que, para a maioria, a loucura é percebida como uma ação. Entre os verbos mais recorrentes estavam “fugir”, “ser”, “ver”, “seguir”, “deixar” e “agir”. Já entre os substantivos, destacaram-se “padrão”, “realidade” e “sociedade”. Essa combinação revela uma percepção da loucura como movimento, como um gesto de deslocamento em relação ao que é considerado normal. A loucura, portanto, foi compreendida naquele espaço não como ausência de razão, mas como um desvio ativo, uma fuga, uma forma de ver e ser que questiona a própria ideia de normalidade. Tal compreensão aproxima-se da reflexão de Foucault (1978), para quem a loucura é o espelho da razão e o reflexo mais fiel de cada época, revelando os limites do que uma sociedade define como são e insano.

[1] Nomes fictícios, para preservar a identidade dos participantes.

Fiz questão de disponibilizar o máximo de materiais possíveis, alguns comprados, outros fruto de doações, como livros, revistas, papéis coloridos e jornais. A intenção era ampliar as possibilidades criativas e, ao mesmo tempo, despertar o ímpeto e a curiosidade do olhar: o que, entre tantas imagens e cores, dialogaria com a sua loucura? O que chamaria a sua atenção?

Com base nas falas durante a oficina e nas respostas ao questionário de avaliação, percebi que muitos participantes tinham pouca experiência prévia com atividades artísticas e, por isso, sentiram-se um pouco perdidos diante da proposta. Procurei orientá-los da melhor forma, mas acredito que até a confusão, o deslocamento e o desconforto foram sentimentos legítimos, e talvez necessários, para aquele momento de criação.

Como observa Ostrower (2001), o processo criativo envolve necessariamente uma tensão psíquica, que pode se manifestar como conflito emocional. Essa tensão, longe de ser um obstáculo, constitui condição fundamental para o crescimento, pois "não há desenvolvimento sem conflito — o conflito é condição de crescimento" (OSTROWER, 2001, p. 28). Assim, o desconforto sentido por alguns participantes pode ser compreendido como parte constitutiva da experiência artística e do próprio movimento de se (re)encontrar através da arte.

No último dia, durante a roda de partilha, pude perceber como as produções dialogavam entre si, unidas por uma sensibilidade comum que refletia o contexto sociocultural compartilhado pelo grupo. Mesmo nas diferenças de trajetória e experiência artística, havia uma sintonia silenciosa entre as obras, como se cada criação revelasse uma parte do coletivo. Essa diversidade criativa confirma a ideia de Ostrower (2001) sobre o ser consciente–sensível–cultural: aquele que cria a partir da integração entre razão, emoção e experiência coletiva.

Por fim, a questão que permaneceu foi: como a colagem pode ser utilizada em sala de aula e em outros espaços formativos? Nesse momento, apresentei explicitamente a Abordagem Triangular e evidenciei como ela havia sido aplicada na própria oficina, em um exercício de metalinguagem. A partir das respostas ao questionário final, os participantes reconheceram a colagem como uma ferramenta pedagógica potente, por seu caráter acessível, lúdico e sustentável. Seu uso com materiais recicláveis estimula a criatividade, a expressão e o pensamento crítico, promovendo o diálogo, a interdisciplinaridade e a reflexão sobre temas sociais e afetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação artística sempre foi, para mim, um momento solitário, era eu, minha mesa e os materiais. Mesmo nas oficinas com crianças que eu já havia realizado, havia um certo distanciamento, seja profissional, etário ou de contexto social. Dessa vez, procurei deixar todos muito à vontade para realizar a atividade. Notei que alguns, uma minoria, não levaram tão a sério, mas me surpreendi, durante a partilha, ao ver outros, que eu imaginava desinteressados, revelarem um nível de profundidade e reflexão inesperado.

A experiência reafirmou para mim que a arte, quando vivida coletivamente, transcende o simples fazer manual: torna-se um espaço de encontro, escuta e reconhecimento mútuo. A roda de partilha revelou o quanto as produções dialogavam entre si, unidas por uma sensibilidade comum que ultrapassava o visível. Ali, compreendi que o papel do educador-artista não é apenas ensinar técnicas, mas criar condições para que o outro se escute e se revele por meio da criação.

Nesse sentido, retomo Paulo Freire, para quem "ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (2022, p.71). Assim como a libertação é um processo coletivo, a criação também o é: nasce do diálogo, da troca e da escuta sensível entre sujeitos que se reconhecem como coautores de um mesmo processo de humanização. A arte, entendida sob essa perspectiva, aproxima-se do que Ostrower (2001) define como expressão da cultura, um modo de ser, agir e comunicar que reflete e transforma a experiência coletiva. Criar, portanto, é um ato cultural e libertador, no qual educador e educandos se reconhecem como parte de uma mesma construção simbólica, reafirmando a potência da arte como espaço de partilha, consciência e reinvenção de si e do mundo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte.** 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RODRIGUES, Walace. Colagem: linguagem artística para arte-educação em escolas em áreas de vulnerabilidades sociais. **Revista de Educação**, v. 15, 2024.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.